

VISIBILIDADE DO TRABALHO DA MULHER RURAL NAS TICS: O CASO MULHERES DO ALGODÃO

VISIBILITY OF RURAL WOMEN'S WORK IN ICTS: THE WOMEN OF COTTON CASE

VISIBILIDAD DEL TRABAJO DE LA MUJER RURAL EN LAS TICS: EL CASO MUJERES DEL ALGODÓN

Phillipp Dias Gripp

■ Phillipp Dias Gripp é Doutor e Mestre em Comunicação pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação (POSCOM) da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Jornalista pela Universidade Federal do Pampa. Bolsista de pós-doutorado (edital FAPERGS/CNPq 07/2022) no POSCOM/UFSM.

■ *Phillipp Dias Gripp es Doctor y Magíster en Comunicación por el Programa de Posgrado en Comunicación (POSCOM) de la Universidad Federal de Santa Maria (UFSM). Periodista por la Universidad Federal de Pampa. Becario de posdoctorado (convocatoria FAPERGS/CNPq 07/2022) en el POSCOM/UFSM.*

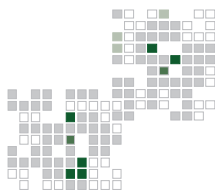
■ E-mail: phidgripp@gmail.com

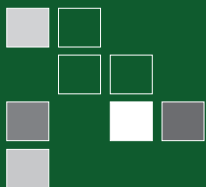
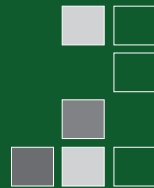
Fernanda Scherer

■ Fernanda Scherer é Doutoranda e Mestre em Comunicação pelo POSCOM da UFSM e bolsista FAPERGS (Edital 06/2024). Publicitária pela UFSM. Gestora de comunicação para o desenvolvimento na FAO/BR.

■ *Fernanda Scherer es Doctoranda y Magíster en Comunicación por el POSCOM de la UFSM y becaria FAPERGS (Convocatoria 06/2024). Publicista por la UFSM. Gestora de comunicación para el desarrollo en la FAO/BR.*

■ E-mail: fernandascherer.pp@gmail.com





Carlise Schneider Rudnicki

■ Carlise Schneider Rudnicki é Professora do POSCOM da UFSM e professora no Departamento Interdisciplinar da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (Campus Litoral Norte). Doutora e Mestre em Desenvolvimento Rural (PGDR) pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e Relações Públicas pela UFRGS.

■ *Carlise Schneider Rudnicki es Profesora del POSCOM de la UFSM y profesora en el Departamento Interdisciplinario de la Universidad Federal de Rio Grande do Sul (Campus Litoral Norte). Doctora y Magíster en Desarrollo Rural (PGDR) por la Universidad Federal de Rio Grande do Sul (UFRGS). Relaciones Públicas por la UFRGS.*

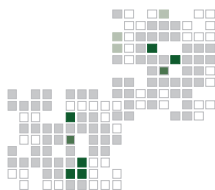
■ E-mail: carlise.rudnicki@ufsm.br

Adriana Calderan Gregolin

■ Adriana Calderan Gregolin é Doutoranda pelo PGDR da UFRGS, Mestre em Ciências Agrárias Agronegócio pela Universidade de Brasília (UNB) e Engenheira Agrônoma pela UNB. Coordenadora Regional do Projeto +Algodão (FAO RLC).

■ *Adriana Calderan Gregolin es Doctoranda en el PGDR de la UFRGS y Magíster en Ciencias Agrarias – Agronegocios por la Universidad de Brasília (UNB). Ingeniera Agrónoma por la UNB. Coordinadora Regional del Proyecto +Algodón (FAO RLC).*

■ E-mail: adriana.gregolin@fao.org



RESUMO

Analisa-se a ação “Mulheres do Algodão” (projeto +Algodão/Brasil-FAO), que buscou visibilizar o trabalho de mulheres rurais na cadeia algodoeira latino-americana, através de Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) e da Comunicação para o Desenvolvimento. Propõe-se uma metodologia qualitativa e descritiva baseada na categorização de condições indispensáveis para a mudança social (Gumucio-Dagron, 2011). Os resultados indicam que as TICs fortalecem a visibilidade e a formação de redes e participação, mas a iniciativa analisada mescla características verticais com propostas inovadoras, apontando desafios e possibilidades do processo.

PALAVRAS-CHAVE: MULHER RURAL; TRABALHO FEMININO; COMUNICAÇÃO PARA O DESENVOLVIMENTO; TECNOLOGIAS DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO.

ABSTRACT

This article analyzes the “Women of Cotton” initiative (+Cotton project/Brazil-FAO), which sought to raise the visibility of rural women's work in the Latin American cotton chain through Information and Communication Technologies (ICTs) and Communication for Development. A qualitative, descriptive methodology is proposed, based on the categorization of essential conditions for social change (Gumucio-Dagron, 2011). The results indicate that ICTs strengthen visibility, networking, and participation, but the analyzed initiative blends vertical features with innovative proposals, pointing to the process's challenges and possibilities.

KEYWORDS: RURAL WOMEN; WOMEN'S WORK; COMMUNICATION FOR DEVELOPMENT; INFORMATION AND COMMUNICATION TECHNOLOGIES.

RESUMEN

Se analiza la acción “Mujeres del Algodón” (+Algodón/Brasil-FAO), que buscó visibilizar el trabajo de mujeres rurales en la cadena algodonera latinoamericana, a través de Tecnologías de Información y Comunicación (TICs) y de la Comunicación para el Desarrollo. Se propone una metodología cualitativa y descriptiva basada en la categorización de condiciones indispensables para el cambio social (Gumucio-Dagron, 2011). Los resultados indican que las TICs fortalecen la visibilidad, la formación de redes y la participación, pero la acción combina características verticales con propuestas innovadoras, señalando desafíos y posibilidades del proceso.

PALABRAS CLAVE: MUJER RURAL; TRABAJO FEMENINO; COMUNICACIÓN PARA EL DESARROLLO; TECNOLOGÍAS DE LA INFORMACIÓN Y LA COMUNICACIÓN.



1. Introdução

O algodão envolve cerca de 350 milhões de pessoas em atividades econômicas e está entre as 20 commodities mais relevantes do mercado global (FAO, 2025). A Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura (FAO) explica que o cultivo do algodão tem história milenar, reforça a segurança alimentar e ocupa 32,6 milhões de hectares no mundo, dos quais 2,1 milhões na América Latina e Caribe (FAO, 2025). Em 2024, o Brasil se tornou o maior exportador de algodão do mundo pela primeira vez na história, ultrapassando os EUA, que liderava o ranking por mais de vinte anos (Silva, 2024).

O trabalho das mulheres rurais, fundamental para a manutenção das cadeias produtivas e para a economia de suas comunidades, é frequentemente invisibilizado e subvalorizado. Neves e Medeiros (2013) sustentam que elas realizam diferentes trabalhos nas lavouras e na produção de alimentos, por exemplo, além do trabalho doméstico, mas geralmente não são reconhecidas como parte produtiva da agricultura. As mulheres rurais algodoeiras atuam no cultivo, na transformação da matéria prima através do artesanato e na comercialização.

Nesse contexto, as Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) despontam como ferramentas que podem ampliar a visibilidade e o protagonismo do trabalho de mulheres rurais. Ao expandir redes de contato, facilitar a divulgação de produtos e democratizar o acesso a informações de mercado, de direitos e políticas públicas, as TICs geram oportunidades econômicas que fortalecem cadeias produtivas, além de estimular a autonomia, a inclusão social, a participação comunitária e promover acesso a capacitações e conhecimentos (Conceição, 2016).

A partir da crítica de Bordenave (1977) a enfoques difusionistas, que entendem a comunicação como mera transmissão de

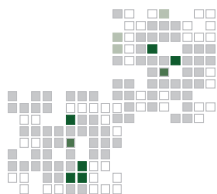
inovações e informações de um polo emissor “desenvolvido” para um receptor “tradicional”, incorporamos o debate da Comunicação para o Desenvolvimento (CpD) nesta reflexão. Aqui, o papel da comunicação não é independente do modelo de desenvolvimento escolhido (Bordenave, 1977, p. 40).

Diante disso, analisamos a ação “Mulheres do Algodão”, promovida através de TICs para dar visibilidade ao trabalho da mulher rural algodoeira. A ação integrou as estratégias de CpD do projeto +Algodão (Cooperação Brasil-FAO), que visa o desenvolvimento sustentável da cadeia algodoeira da América Latina e Caribe. Conforme modelo de interação sistêmica para resolver problemas de desenvolvimento (Bordenave, 2016), entende-se que a ação se inscreve como uma solução buscada pela FAO para o problema percebido em comunidades algodoeiras sobre a visibilidade do trabalho da mulher rural.

Propomos, então, uma análise qualitativa e descritiva da ação com base nas cinco categorias apontadas por Gumucio-Dagron (2011) como indispensáveis na elaboração da comunicação voltada ao desenvolvimento e mudança social. Nas próximas seções, debatemos o uso da CpD e das TICs para visibilizar o trabalho de mulheres rurais; descrevemos a ação “Mulheres do Algodão”, bem como a abordagem metodológica adotada e apresentamos a análise.

2. CpD como estratégia de ação à visibilidade do trabalho de mulheres rurais

Desde o fim da Segunda Guerra Mundial, a noção de desenvolvimento é apresentada como um modelo que países pobres devem seguir para alcançar o mesmo nível de riqueza de países ricos, baseado na industrialização, modernização e disponibilização de um excedente de bens aos consumidores (Black,



2004). Esse enfoque pressupõe que a sociedade tradicional seria incapaz de se desenvolver sem a intervenção de forças externas que tragam novas ideias, tecnologias e modelos de organização (Bordenave, 1977; 2016).

Para Bordenave (1977, p. 33), os modelos de desenvolvimento importados consideram que a sociedade está em harmonia e que o subdesenvolvimento é um desvio a ser corrigido por meio da introdução de recursos, tecnologias ou novos valores. Ele propõe que a transformação das estruturas sociais deve ter como finalidade a realização plena das pessoas – desenvolvendo-se pessoas e não coisas (Bordenave, 1977, p. 37).

A comunicação vincula-se ao desenvolvimento como via para articulação social e acesso a informações que impulsionam mudanças (Peruzzo, 2014; Gumucio-Dagron, 2011), sobretudo quando os lugares de fala de minorias (Gripp, 2020) são respeitados, permitindo sua autonomia. Bordenave (1977, p. 42-43) explica que a CpD abandona um caráter vertical e persuasório para ser dialógica e participativa, com o objetivo de ajudar a população a se comunicar, desenvolver consciência crítica, falar suas reivindicações e abrir canais para a comunicação “de baixo para cima”. A adoção de abordagens participativas, em detrimento de modelos verticais de comunicação, já foi demonstrada como eficaz em contextos rurais, por exemplo, através da interação sistêmica (Ferreira et al., 2023), ao compreender o agroecossistema como uma unidade complexa de interações, na qual a comunicação permite diagnosticar e visualizar potencialidades e fragilidades.

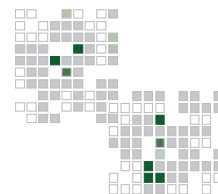
A FAO (2016), compreende a CpD como um processo social e participativo que busca promover diálogo, garantir acesso equitativo à informação e facilitar a troca de conhecimentos, a participação ativa e a apropriação de processos de atores locais em todas as etapas das iniciativas adotadas, valorizando o conhecimento local em busca do

empoderamento comunitário para tomada de decisões e para se tornarem protagonistas do seu próprio desenvolvimento. Nesse sentido, como argumenta Geertz (1989), importa compreender os sistemas semióticos próprios do grupo, exigindo que o pesquisador apreenda o conhecimento das/os informantes sem impor categorias que desfigurem a realidade local e reconhecendo que a cultura constitui uma teia de significados tecida pelos próprios sujeitos – ou, como argumenta Gripp (2020), assumir lugares de escuta em reconhecimento dos lugares de fala do grupo.

Ações na internet e o uso de TICs podem impulsionar o desenvolvimento rural pela construção de capacidades econômicas, sociais e cognitivas, viabilizando novas formas de trabalho, distribuição de serviços, visibilidade, fortalecimento de laços e potencialização de aprendizado (Conceição, 2016). Através das TICs, as mulheres do espaço rural podem se relacionar, trocar saberes, construir arranjos coletivos e se desenvolverem (Silveira, Schwartz & Souto, 2013). Ademais, vale constar que Castells (2003) já demonstrou como o estabelecimento de redes na contemporaneidade é indissociável ao meio digital, sendo um importante espaço para gerar visibilidade.

A CpD tem potencial para transformar a vida das pessoas e da sociedade, pois quando os espaços para participação são ampliados, como através das TICs, os modelos experienciados são, em alguma medida, reformulados e reconstituídos (Bordenave, 1977; 2016; FAO, 2016; Gumucio-Dagron, 2011). Ademais, compreende-se que as TICs se configuram como lugares de visibilidade para reivindicações político-representacionais de mulheres (Gripp, 2020).

Apesar de realizarem diversos trabalhos no contexto rural, Neves e Medeiros (2013) demonstram que as mulheres são associadas aos papéis de “doméstica”, “do lar”, “esposa do agricultor”. Paulilo (2013, p. 297) ainda sustenta



que é ignorada “[...] a contribuição do trabalho não pago das mulheres para a produção e reprodução da sociedade”. Assim, a visibilidade e o reconhecimento do trabalho de mulheres rurais é complexificada, pois exigem mobilização política, como apontam Salvaro, Lago e Wolff (2014). A desvalorização do trabalho feminino rural é sustentada por um machismo estrutural de raízes coloniais e pela colonialidade do gênero, que impõe hierarquias marginalizantes (Saffioti, 2013; Lugones, 2014).

No que se refere às algodoceiras, a FAO (2023) coletou dados de 177 mulheres da Argentina, Bolívia, Brasil, Colômbia, Paraguai e Peru. 54% têm entre 41 e 60 anos; 55% são chefes do lar; e 23% realizam uma gestão compartilhada do lar. Revelou-se que, embora 82% possuam telefonia móvel, apenas 31% acessem a internet. Dados da FAO (2017) destacam que 59 milhões de mulheres vivem em áreas rurais na América Latina e Caribe com acesso limitado a recursos. Globalmente, elas trabalham mais, ganham até 24% menos que os homens e enfrentam desigualdades no acesso à propriedade, crédito, mercado, capacitações e espaços de representação. Escosteguy, Sifuentes e Bianchini (2017) constatarem que o manejo de aparatos eletrônicos, como para uso de redes sociais, é muitas vezes auxiliado por maridos, filhos e netos homens, realidade que “[...] associa o campo da tecnologia como propriamente masculino” (2017, p. 205).

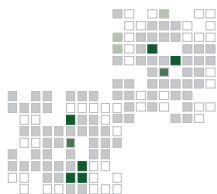
É objetivo da CpD fomentar autonomia e ação protagonista de pessoas para que se tornem agentes de si e possam colocar em prática seus projetos para benefício individual e comunitário (FAO, 2016). A CpD reflete a importância da participação e do diálogo na promoção do desenvolvimento humano e na construção de sociedades mais justas e equitativas (Bordenave, 1977). Gumucio-Dagron (2011, p. 40-41) discorre sobre a CpD e apresenta a FAO como a sua principal promotora. A FAO (2016, p. 32) aponta que as pessoas podem usar a CpD para estabelecer

relações horizontais entre comunidades rurais, técnicos, especialistas, instituições e governo. Ademais, Lopes e Cimadevilla (2022) apresentaram o dossiê temático da revista ALAIC “Comunicação para o desenvolvimento sustentável”, no qual indicam diversos autores que se dedicam a refletir sobre a intersecção entre comunicação e desenvolvimento.

Bordenave (2016) explica que a CpD é mais eficaz quando atua em um sistema de solução de problemas, promovendo diálogo entre atores sociais para perceber, diagnosticar, buscar soluções e mobilizar recursos. Quando a comunidade não consegue solucionar problemas sozinha, “A comunicação promove contatos interinstitucionais e intersetoriais, assim como a entrega de uma resposta, tanto educativa como técnica, ao sistema que sofre o problema. Como se nota, a CpD consiste mais em estabelecer relações do que transmitir mensagens” (Bordenave, 2016, p. 22, tradução nossa).

A problemática sobre a dificuldade enfrentada por mulheres rurais na visibilidade de seus trabalhos já foi diagnosticada em diversas análises (Neves & Medeiros, 2013; Paulilo, 2013; Salvaro, Lago & Wolff, 2014), bem como o potencial das TICs para impulsionar o desenvolvimento rural (Conceição, 2016) e um menor uso das TICs e de acesso à internet ou redes sociais por parte das mulheres rurais (FAO, 2023; Escosteguy, Sifuentes & Bianchini, 2017). Desse modo, considera-se a ação “Mulheres do Algodão” como uma resposta da FAO para mobilizar soluções ao problema.

Diante disso, buscou-se analisar a ação com base nas categorias elencadas por Gumucio-Dagron (2011), como imprescindíveis nos processos de comunicação que objetivam o desenvolvimento. Tais características são abordadas na análise da ação “Mulheres do Algodão”, apresentada a seguir, com vistas a compreender o potencial das TICs na promoção da visibilidade do trabalho e do desenvolvimento das mulheres rurais.



3. Contextualização empírica

O projeto +Algodão, fruto da Cooperação Internacional Brasil-FAO, promove, desde 2013, iniciativas para fomentar o desenvolvimento sustentável da cadeia produtiva do algodão sustentável na América Latina e Caribe (FAO, 2025). Um eixo do projeto é a promoção da igualdade de gênero e o fortalecimento da autonomia de mulheres rurais, através da valorização do trabalho das algodoeiras, reconhecendo sua importância em diversas etapas da cadeia produtiva (FAO, 2025). Além de atuarem no cultivo do algodão, as mulheres desempenham um papel fundamental na transformação do algodão por meio do artesanato, na comercialização e na garantia da segurança alimentar de suas famílias através do cultivo consorciado de alimentos. Para fortalecer suas capacidades, o +Algodão oferece cursos, incentiva a participação em feiras, promove a troca de experiências e saberes ancestrais, além de organizar eventos e outras ações voltadas ao empoderamento feminino no setor.

Uma das iniciativas promovidas pelo +Algodão em 2024 foi “Mulheres do Algodão”, um concurso em comemoração ao Dia Mundial do Algodão e ao Dia da Mulher Rural, que buscou “promover

visibilidade sobre histórias de vida, oportunidades e desafios para o empoderamento econômico das mulheres na cadeia de valor do algodão latino-americana”. O concurso foi realizado em ambiente digital, através de Lazos, um aplicativo do +Algodão criado para promover redes de diálogo e conectar o setor algodoeiro da América Latina (Brasil, Argentina, Bolívia, Equador, Colômbia, Haiti, Paraguai e Peru) (Scherer, Gripp, Rudnicki & Gregolin, 2025). Apoiado na CpD, Lazos foi criado em conjunto com comunidades algodoeiras para ser um espaço em que experiências são sociabilizadas, dando voz e visibilidade às populações algodoeiras. O concurso buscava “[...] dar visibilidade às histórias de mulheres algodoeiras que são inspiração para outras mulheres e para toda a cadeia do algodão na América Latina” (FAO, 2024).

As experiências compartilhadas em Lazos tiveram votação aberta ao público em geral e a mais votada teve sua história contada em uma reportagem (FAO, 2024). No total, 20 histórias foram compartilhadas, advindas de seis países da América Latina: Argentina, Brasil, Colômbia, Equador, Paraguai e Peru, conforme especificado na Quadro 1, a seguir:

Quadro 1: Países das participantes da ação “Mulheres do Algodão”

País	Quantidade de participantes
Argentina	9 mulheres
Brasil	5 mulheres
Colômbia	1 mulher
Equador	1 mulher
Paraguai	2 mulheres
Peru	2 mulheres
Total de países participantes	6 países

Fonte: Elaboração dos autores com base em FAO (2024)

Vale constar ainda a relação das mulheres participantes quanto ao trabalho

desempenhado por elas, conforme especificado no Quadro 2, a seguir:



Quadro 2: Profissão das participantes da ação “Mulheres do Algodão”

Profissão	Quantidade de participantes
Agricultoras	4 mulheres
Artesãs algodoeiras	10 mulheres
Técnicas	4 mulheres
Comerciante - dona de loja de artesanatos	1 mulher
Sistema de desmonte do algodão	1 mulher
Total de mulheres participantes	20

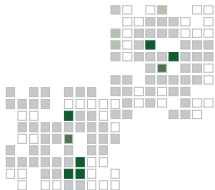
Fonte: Elaboração dos autores com base em FAO (2024)

Foram utilizadas as redes do +Algodão para o compartilhamento do formulário de votação. A votação totalizou 1.232 votos de pessoas de 10 países para escolher a história mais inspiradora (FAO, 2024). No quadro 3, abaixo, apontamos

informações sobre as sete participantes mais votadas – seus nomes, país em que residem, suas ocupações, a quantidade de votos recebida e as experiências compartilhadas.

Quadro 3: Experiências mais votadas na ação “Mulheres do Algodão”

Nome/país/ocupação	Descrição da experiência compartilhada	Votos
Eni Batista / Brasil / Tecelã e Artista Têxtil	O algodão pra mim é tudo! É a minha fonte de renda, minha diversão, minha terapia. Recentemente nossos tecidos foram utilizados para confecção de roupas para o desfile do São Paulo Fashion Week e eu fico até emocionada de saber que nosso trabalho feito aqui na Comunidade Quilombola de Roça Grande em Berilo no estado de Minas Gerais, Brasil, esteve nas passarelas da moda.	515
Marlice Machado / Brasil / Artista têxtil e professora de bordado à mão e tingimento naturalmente com técnicas ancestrais e sustentáveis	Eu sou Marlice Machado residente em Jequitinhonha - Minas Gerais, Brasil. Minha história com o artesanato de tecelagem sempre foi de dedicação e amor. Um ofício que aprendi desde pequena. O algodão sempre fez parte da minha vivência desde o plantar, colher, fiar e tecer. Hoje posso dizer que alcancei sucesso no meu trabalho, pois tive ajuda de muitas pessoas: organizações, entidades, entre outras. Foi um grande crescimento ao longo desta caminhada, mesmo encontrando alguns desafios, hoje vejo as minhas peças sendo valorizadas no mercado e chego até, muitas vezes, a não dar conta de atender as demandas.	498
Ivone Machado da Silva / Brasil / Tecelã e Artista Têxtil	A tecelã Ivone Machado da Silva nasceu em Chapada do Norte, cidade vizinha de Berilo. Sua mãe era fiandeira, cujo ofício era preparar os fios de algodão para a tecelagem. Logo cedo, aos sete anos, começou a ajudar preparar os fios de algodão e a comercializar na feira de Berilo os produtos tecidos pelas artesãs da comunidade de Roça Grande. Aprendeu a trabalhar com tecelagem com a tia Estela e no dia a dia foi aprimorando a técnica. Conhece toda a cadeia produtiva do algodão: plantar, colher, descaroçar, bater, fazer o fio e tecer. Sempre participa de feiras e eventos levando a tecelagem para exposição e venda. Além de dominar toda a técnica da Tecelagem Manual, Ivone repassa seus conhecimentos para quem tem interesse em aprender. O ofício é sua paixão e é no Tear que se sente realizada. Através de seu ofício viajou para várias cidades levando a Tecelagem de Berilo para representar sua cidade e o Estado de Minas Gerais.	411
Alaide de Sales Mendes / Brasil / Tecelã e Artista Têxtil	É nas tradições e nos saberes ancestrais da tecelagem manual, que a tecelã Alaide de Sales Mendes tece sua história e sua trajetória. Ela é natural da comunidade Quilombola de Roça Grande em Berilo, no Vale do Jequitinhonha. São mais de 40 anos de dedicação à arte da tecelagem, sua história é um testemunho vivo da riqueza cultural e da resiliência de seu povo. Desde jovem, se dedica ao ofício da arte de tecer com suas próprias mãos a tradicional tecelagem manual de Minas Gerais. Suas redes são referência de beleza e de uma arte exclusiva cheia de brasilidade e criatividade.	392
Maria del Carmen Gauto / Paraguai / Professora artesã, instrutora da Escola de Salvaguarda do Autêntico Ao Po'i do Instituto Paraguai de Artesanato (IPA)	El sector del algodón ofrece varias oportunidades para el empoderamiento de las mujeres, especialmente en comunidades rurales donde esta materia prima tiene una gran tradición y valor cultural. Aquí te comento algunas: 1. Autonomía económica: La producción de algodón y la artesanía derivada, como el hilado y la confección de telas tradicionales (ej. Ao po'i), permiten a las mujeres generar ingresos propios. Esto les brinda independencia financiera y una fuente de sustento estable. 2. Rescate de saberes tradicionales: La producción artesanal del algodón y el hilado es una tradición que ha pasado de generación en generación. Involucrar a las mujeres en estos procesos no solo fortalece su identidad cultural, sino que les permite convertirse en guardianas y promotoras de este conocimiento. 3. Creación de redes de colaboración: Las mujeres pueden formar cooperativas o grupos de trabajo en torno a la producción y comercialización del algodón y sus derivados. Esto fomenta la colaboración, el intercambio de conocimientos y el apoyo mutuo, fortaleciendo la comunidad. 4. Turismo vivencial: Como tú ofreces demostraciones de la producción de Ao po'i, el turismo vivencial permite a las mujeres participar en actividades de turismo comunitario, donde pueden mostrar su labor, interactuar con visitantes y diversificar sus fuentes de ingresos. 5. Innovación y diversificación: A través de capacitaciones en diseño, marketing y ventas, las mujeres pueden innovar en productos y ampliar sus oportunidades de mercado, alcanzando consumidores nacionales e internacionales interesados en productos sostenibles y éticos. 6. Sostenibilidad ambiental: El cultivo de algodón orgánico y el uso de tintes naturales alinean a las mujeres con la creciente demanda de productos ecológicos, lo cual puede abrir puertas en mercados que valoran la sostenibilidad. Estas oportunidades contribuyen a fortalecer la posición de las mujeres en sus comunidades y a fomentar el desarrollo económico sostenible a través de la artesanía y el trabajo colectivo.	151



Nome/país/ocupação	Descrição da experiência compartilhada	Votos
Joana Darck / Brasil / Agricultora e presidenta da Associação Agroecológica de Pajeti (ASAP- Pernambuco)	A partir do conhecimento do protocolo de regras e boas práticas do algodão com certificação orgânica participativa, documento elaborado pela Diaconia no âmbito do Projeto Algodão em Consórcios Agroecológicos, Joana tem avançado nas oportunidades que o setor oferece para o empoderamento das mulheres algodoceiras. Neste vídeo, ela explica como é possível cultivar o algodão em consórcios agroecológicos e alcançar uma renda digna através da comercialização não só do algodão, mas da variedade de culturas que estão presentes no seu roçado. Algumas delas são transformadas em produtos como tahine, pasta de amendoim, óleo de gergelim e outros, a partir da Unidade de Beneficiamento de Alimentos (UBA), que é uma estratégia de avanço da cadeia de valor dos demais produtos dos consórcios agroecológicos. A ASAP-PE é uma das 7 associações rurais de certificação orgânica participativa apoiadas pela Diaconia no Semiárido do Nordeste do Brasil, sendo formada por mais de 169 famílias agricultoras.	114
Elisa Fernanda / Colômbia / Mulher indígena, Resguardo Indígena Pijao Hilarquito	La oportunidad que me permitió el cultivo de algodón fue empoderarme como persona creciendo como mujer cabeza de hogar, generando empleo, con aplicación de técnicas ancestrales, recibir una ganancia mejorando la calidad de mi vida, de mis hijos, a través de mi esfuerzo, dedicadeza, participando con igualdad de género.	74

Fonte: Elaboração dos autores com base em FAO (2024)

A experiência que recebeu mais votos foi a de Eni Batista, tecelã e artista têxtil. Como prêmio, Eni foi entrevistada e a sua história foi compartilhada em formato de reportagem no site e redes da FAO e do projeto +Algodão (FAO, 2024). De acordo com a reportagem publicada, Eni faz parte de um grupo de mulheres quilombolas de Roça Grande, no Vale do Jequitinhonha, em Minas Gerais. O grupo se dedica a perpetuar a tradição da tecelagem manual de suas ancestrais. Em outubro de 2024, uma peça produzida por Eni fez parte do desfile de moda da São Paulo Fashion Week (FAO, 2024). Atualmente, a artesã faz parte da Associação de Produtores e Artesãos de Roça Grande (APARG), que

utiliza o algodão como matéria prima para tecer peças artesanais. Os produtos da APARG são feitos em técnica original de tecelagem manual mineira com 2 quadros de liço, têm desenhos executados em alto relevo durante o tecer com fios coloridos em tinturas extraídas de plantas regionais (FAO, 2024). As composições retratam o cotidiano e a visão de mundo da comunidade quilombola de Roça Grande em desenhos geométricos e figurativos. Desde o século XVIII, a região de Berilo é conhecida pela singularidade de sua tecelagem (FAO, 2024). A imagem 1, a seguir, mostra Eni Batista, vencedora do “Mulheres do Algodão”, com seu trabalho de tecelagem manual.

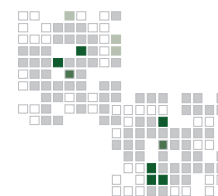
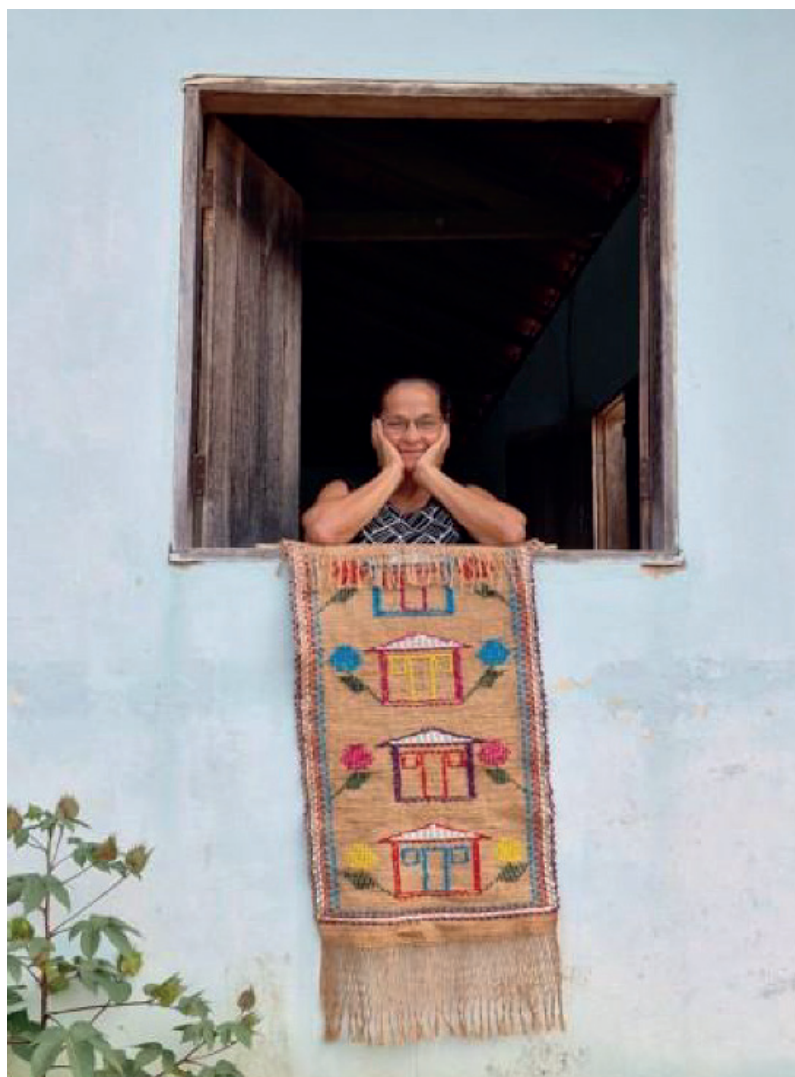


Imagem 1: Foto de Eni Batista e seu trabalho.



Fonte: FAO, 2024.

Buscou-se, então, realizar uma análise descritiva e qualitativa da ação “Mulheres do Algodão”, com base nas categorias propostas por Gumucio-Dagron (2011), para observar seu potencial à transformação social no contexto da CpD e da visibilização do trabalho das mulheres rurais.

4. Visibilidade em CpD de “Mulheres do Algodão”

As cinco características que Gumucio-Dagron (2011) considera indispensáveis para a comunicação voltada ao desenvolvimento e

mudança social serviram de base para a análise da ação de CpD “Mulheres do Algodão”. São elas: I) Participação comunitária e apropriação; II) Língua e pertinência cultural; III) Geração de conteúdos locais; IV) Uso de tecnologia apropriada; V) Convergências e redes. A análise a seguir permitiu refletir sobre o potencial e os desafios da ação no contexto da CpD, em diálogo com os princípios de Bordenave (1977; 2016).

I) Participação comunitária e apropriação: destaca a importância do envolvimento da comunidade em ações de transformação social,

com apropriação do processo e protagonismo. Em “Mulheres do Algodão”, as participantes foram incentivadas a narrar seu trabalho na cadeia algodoeira, conforme seu lugar de fala (Gripp, 2020), escolhendo o que gostariam de compartilhar por meio de vídeos ou fotos.

A ação foi divulgada nas redes da FAO, do +Algodão e de parceiros do projeto e teve a participação espontânea de 20 mulheres. Diante da abrangência internacional do projeto, acredita-se que essa quantidade de participantes remete à manutenção da estrutura que mantém mulheres rurais menos engajadas no uso das tecnologias digitais (FAO, 2023; Escosteguy, Sifuentes & Bianchini, 2017). Para que ações como “Mulheres do Algodão” tenham maior alcance e participação, entende-se a importância de projetos que impulsionem a apropriação de TICs, como em letramento digital.

Bordenave (2016) aponta a diferença entre participação instrumental, na qual pessoas são convidadas a um processo já definido por outros, e participação genuína, entendida como direito e necessidade humana. Entende-se que superar o primeiro modelo para construir o segundo é um desafio da CpD. As mulheres foram convidadas a participar, o que demonstra certa instrumentalidade, mas a forma de participação foi aberta para que elas escolhessem o que e como enfatizar em suas narrativas. O empenho das 20 participantes pode ser visto como genuíno e ativo (Bordenave, 1977) e a visibilidade gerada pela apropriação das TICs levou seus nomes, trabalhos, histórias e relatos a votantes de 10 países da América Latina.

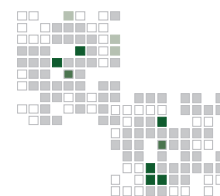
A visibilidade oportunizada pelo uso das TICs amplia redes de contato e oportunidades econômicas, na divulgação de produções e discursos. A importância disto para Eni Batista, ganhadora do concurso, está na possibilidade de aumentar a geração de renda através da maior abrangência do público consumidor

do trabalho artesanal, já que a sua principal fonte de renda se dá presencialmente em feiras regionais (FAO, 2024).

II) Língua e pertinência cultural: crítica como programas de desenvolvimento e comunicação eram elaborados em países ricos e aplicados nos subdesenvolvidos. Para Gumucio-Dagron (2011), as propostas de mudança não devem ser feitas e promovidas de forma vertical por autoridades para que sejam levadas adiante pelo povo, mas sim propostas pela comunidade, de acordo com suas prioridades, necessidades e princípios éticos; é necessário que as perspectivas populares definam a atuação das autoridades, pois as comunidades conhecem suas reivindicações e precisam ser ouvidas. A CpD defende que o processo comunicacional deve ser planejado de modo dialógico e participativo (FAO, 2016; Bordenave, 1977).

O fato de “Mulheres do Algodão” não ter sido proposta pelas comunidades algodoeiras pode ser interpretado como uma atuação vertical, uma decisão tomada “de cima para baixo”, que Bordenave (2016) criticava como “planejamento tecnocrático”. Entretanto a falta de visibilidade ao trabalho da mulher rural já foi apontada como um problema (Neves & Medeiros, 2013; Paulilo, 2013; Salvaro, Lago & Wolff, 2014) e entende-se que a ação foi um tipo de solução buscada pela FAO para combater à problemática, integrando uma interação sistêmica, via interinstitucional, para resolver problemas de desenvolvimento (Bordenave, 2016).

Percebe-se que a ação foi direcionada à valorização da vida cotidiana das comunidades algodoeiras, buscando disponibilizar redes e plataformas internacionais da FAO e +Algodão para dar visibilidade às mulheres da cadeia produtiva, através de uma pauta que faz parte da rotina e da socialização delas. As mulheres algodoeiras foram o centro da ação, de maneira que puderam apresentar seu trabalho e sua



atuação na cadeia algodoeira de acordo com as suas próprias palavras, perspectivas e valores culturais. Foi dado o espaço para que assumissem seus lugares de fala em conjunto às instituições internacionais (Gripp, 2020). Na entrevista publicada sobre a ganhadora da ação, por exemplo, houve valorização dos elementos da cultura de Eni, respeitando a narrativa sobre o seu entorno social, o que dialoga com a proposta de Geertz (1989). Então, percebe-se que a comunicação, efetuada através das TICs, representou um potencial para fortalecer a resiliência do trabalho da mulher rural, especialmente em termos de espaços para visibilização.

III) Geração de conteúdos locais: esta categoria discorre sobre o reconhecimento das práticas e saberes locais e aponta para a importância de criar espaços para as comunidades partilharem seus conhecimentos, enraizados em suas histórias e culturas, ao defender que o conhecimento não é gerado somente de cima para baixo. Assim, processos de comunicação podem ser inclusivos e transformadores, centrados na valorização de identidades e realidades socioeconômicas das comunidades rurais.

Essa perspectiva contrapõe-se a modelos verticais, nos quais os saberes de países industrializados, de instituições ou acadêmicos são vistos como necessários para comunidades que carecem de mudança e desenvolvimento (Bordenave, 1977). Para Gumucio-Dagron (2011), tal postura é arrogante, pois pressupõe que o conhecimento seja exclusivo de nações e instituições mais ricas.

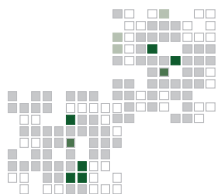
Quanto à “Mulheres do Algodão”, uma das razões para a criação da ação foi a busca pelo reconhecimento de práticas locais, através dos relatos das próprias participantes, com o objetivo de visibilizar o trabalho das mulheres na cadeia do algodão. Nesse quesito, observa-se que a comunicação através das TICs tem potencial de apresentar alternativas quanto ao caráter

difusionista da comunicação e quanto ao modelo de comunicação centrado no emissor, unilateral e vertical. As histórias das participantes, especialmente a de Eni, foram visibilizadas via TICs para os públicos da FAO, do +Algodão e instituições parceiras, que talvez não tivessem oportunidades de conhecê-las de outra forma.

IV) Uso de tecnologia apropriada: questiona a natureza da tecnologia e o seu lugar na sociedade, indo contra o mito de que o acesso à determinada ferramenta tecnológica pode ser, por si só, o princípio gerador de desenvolvimento. A comunicação para a mudança social não promove instrumentos e sim processos, que são complexos, multifacetados e, muitos deles, resultantes da interação entre múltiplos fatores e forças dentro de uma sociedade (Gumucio-Dagron, 2011). Sob este prisma, as inovações tecnológicas disponíveis não definem o “estágio” de desenvolvimento de uma população. A tecnologia deve ser adaptada às demandas de cada processo e a competência dos usuários influencia a escolha da ferramenta em cada fase. Compreende-se que somente divulgar a existência de uma ação e convidar as populações para participarem não é suficiente.

Para Bordenave (1977; 2016) há uma inseparabilidade entre comunicação, desenvolvimento e educação. Iniciativas educacionais, então, não são apenas um complemento, mas o cerne de uma estratégia que busca transformação social através da comunicação. Diante disso, o +Algodão impulsiona ações educacionais às populações algodoeiras, a exemplo do projeto “Territórios Conectados pela Sororidade” (edital FAPERGS/CNPq 07/2022), firmado na parceria entre FAO e UFSM, que buscou promover cursos de extensão de conscientização e capacitação sobre comunicação a comunidades periféricas.

Ademais, a ação “Mulheres do Algodão” foi promovida pelo app Lazos, elaborado em diálogo



com produtores rurais latino-americanos para gerar inclusão digital, conectá-los entre si e ser um elo a instituições nacionais e internacionais. A criação de Lazos foi estabelecida em uma rede de confiança e reconhecimento dos lugares de fala das comunidades rurais (Scherer, Gripp, Rudnicki & Gregolin, 2025). A ação ter acontecido em um app criado com a participação das comunidades algodoeiras para suprir as suas demandas demonstra o uso de tecnologia apropriada.

V) Convergências e redes: pontua-se que processos de comunicação não podem acontecer de maneira isolada; eles devem ser dialógicos para se tornem sustentáveis. Estabelecer laços entre experiências a ponto de alcançar a formação de redes tende a contribuir e enriquecer os processos voltados à mudança social. Acredita-se que a formação de redes no âmbito rural pode fortalecer comunidades no enfrentamento de dificuldades e exploração de oportunidades de crescimento e desenvolvimento.

Também se entende que esta premissa foi realizada pela ação ao ser realizada no App Lazos. A estratégia viabilizou criar e fortalecer redes entre mulheres algodoeiras, permitindo que compartilhassem experiências, conhecessem pares em contextos semelhantes e promovessem visibilidade sobre seus trabalhos.

Percebe-se que ao mesmo tempo em que cada vez mais é almejada a participação das populações periféricas nas diversas etapas das ações para o desenvolvimento, o mesmo acontece no âmbito da CpD. Há convergência na abertura de novos processos participativos e o fortalecimento de redes. “Mulheres do Algodão” é um exemplo desse tipo de ação, que reflete o momento de busca por uma sociedade mais justa e equitativa através do diálogo e da visibilidade a diferentes agentes rurais. Mas que, apesar dos esforços, ainda tem pontos para aprimorar.

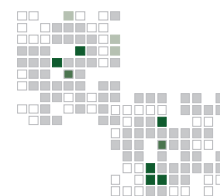
5. Considerações finais

A ação “Mulheres do Algodão” usou as TICs para visibilizar e pautar o trabalho de mulheres rurais algodoeiras, permitindo desassociá-las de representações estereotipadas que as vinculam ao cuidado e à manutenção do lar. A ação oportunizou que elas assumissem seus lugares de fala como trabalhadoras e tivessem seus trabalhos reconhecidos.

Ao usar TICs, a ação encontrou desafios sociais sobre a atribuição do manejo de aparatos eletrônicos e tecnológicos no campo aos homens. Acredita-se que a presença da internet e das TICs nas áreas rurais, por si só, pode ser insuficiente para mudança. São necessárias estratégias para incluir populações vulnerabilizadas ao uso de tecnologias. Pode-se notar traços verticais na proposta ou interpretá-la como resposta da FAO para mobilizar soluções ao problema da visibilidade ao trabalho das mulheres algodoeiras.

As mulheres rurais podem alcançar protagonismo, organizarem-se coletivamente e desenvolverem-se através das TICs, pelo potencial transformador da digitalização, capaz de proporcionar contato com outras formas de construção social e de ocupação do espaço público e privado. Mas entendemos que uma comunicação horizontal não se alcança apenas com acesso às TICs e que somente elas não são capazes de promover crescimento e desenvolvimento social dos territórios.

Estratégias de CpD em TICs podem visibilizar vozes de mulheres rurais e seus trabalhos para além dos contextos locais, promovendo novas articulações e alcance internacional. Mas a análise de “Mulheres do Algodão” demonstra que o potencial da tecnologia depende de estratégias de comunicação que promovam participação genuína e apropriação dos processos. A visibilidade não deve ser o objetivo final, mas o ponto de partida para o fortalecimento de redes e da autonomia das mulheres rurais.



Referências

- Black, M. (2004). *Qué es el desarrollo internacional*. Nairóbi: Intermón Oxfam.
- Bordenave, J. D. (1977). Comunicación y desarrollo. *Chasqui*, 19, pp. 27-53.
- Bordenave, J. D. (2016). El desarrollo de un comunicador para el desarrollo. *ALAIC*, 12(23), pp.16-24.
- Castells, M. (2003). *A galáxia da Internet: reflexões sobre a Internet, os negócios e a sociedade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Conceição, A. (2016). *Internet pra quê? A construção de capacidades e as TIC no processo de desenvolvimento rural*. (Tese de Doutorado). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.
- Escosteguy, A., Sifuentes, L. & Bianchini, A. (2017). Mulheres rurais e seus usos mediados das TICs: tensionamentos e permanências nas relações de gênero. *Intercom*, São Paulo, 40(1), pp.195-211.
- FAO. (2016). *Comunicación para el desarrollo rural: directrices para la planificación y la formulación de proyectos*. Roma: FAO.
- FAO. (2023). *Encuesta Regional Mujeres artesanas del Algodón de América Latina y el Caribe*. Recuperado: 01 de abril de 2025, de <https://www.ufsm.br/app/uploads/sites/637/2025/04/Resultados-Encuesta-Mujeres-Artesanas-ALC-23.10.2023-3-1.pdf>
- FAO. (2017). *Mujeres de Algodón: roles de género y participación en las cadenas de valor en Argentina, Bolivia, Colombia, Paraguay y Perú*. Recuperado: 05 de março de 2025, de <https://openknowledge.fao.org/server/api/core/bitstreams/284f8223-563a-41aa-a6bd-bd3735a3c0ca/content>
- FAO. (26 de dezembro de 2024). Mulheres do Algodão: Artesã quilombola de Minas Gerais preserva cultura têxtil. *FAO*. Recuperado: 26 de março de 2025, de <https://www.fao.org/in-action/programa-brasil-fao/noticias/ver/pt/c/1731274/>
- FAO. (2025). Programa de Cooperação Internacional Brasil-FAO. *FAO*. Recuperado: 26 de março de 2025, de <https://www.fao.org/in-action/programa-brasil-fao/proyectos/sector-algodoero/pt/>
- Ferreira, A., Assis, R., Cimadevilla, G. & Aquino, A. (2023). Modelização de agroecossistemas como ferramenta de comunicação em ambientes de montanha no Brasil e na Argentina. *Interações*, 24(1), pp.299-320.
- Gripp, P. (2020). *O lugar de fala na comunicação midiática contra o sexismo: ambivalência discursiva e política*. (Tese de Doutorado). Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria.
- Gumucio-Dagron, A. (2011). Comunicação para el cambio social: clave del desarrollo participativo. *Signo y Pensamiento*, 30(58), pp.26-39.
- Lopes, R. & Cimadevilla, G. (2022). *Comunicação para o desenvolvimento sustentável: a necessidade de se reimaginar o presente*. *ALAIC*, 21(41), pp.14-16.
- Lugones, M. (2014). Rumo a um feminismo descolonial. *Estudos Feministas*, Florianópolis, 22(2), pp.935-952.
- Neves, D. & Medeiros, L. (Org.). (2013). *Mulheres camponesas: trabalho produtivo e engajamentos políticos*. Niterói: Alternativa.
- Paulilo, M. (2013). FAO, Fome e Mulheres Rurais. *DADOS*, 56(2), pp.285-310.
- Peruzzo, C. (2014). Comunicação para o desenvolvimento, comunicação para a transformação social. Em Monteiro Neto, A. (Org.). *Sociedade, política e desenvolvimento* (pp.161-195). Brasília: Ipea.
- Saffioti, H. (2013). *A mulher na sociedade de classes: mito e realidade*. São Paulo: Expressão Popular.
- Salvaro, G., Lago, M. & Wolff, C. (2014). Limites e possibilidades de militância política em um movimento social rural de mulheres. *Estudos Feministas*, 22(1), pp.51-70.
- Scherer, F., Gripp, P. Rudnicki, C. & Gregolin, A. (2025). A comunicação como estratégia para o desenvolvimento rural e transformação social: uma análise da iniciativa digital Lazos. *Comunicologia*, 18(1), pp.269-292.
- Silva, M. (01 de julho de 2024). Brasil ultrapassa EUA e já é maior exportador de algodão do mundo. *Agência Brasil*. Recuperado: 26 de março de 2025, de <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2024-07/brasil-ultrapassa-eua-e-ja-e-maior-exportador-de-algodao-do-mundo>.
- Silveira, A., Schwartz, C. & Souto, C. (2013). Gênero e TICS: expondo a intimidade das relações de poder na Agricultura Familiar. *Revista Latino-americana de Geografia e Gênero*, 4, pp.22-35.

Artigo enviado em 30/08/2025 e aceito em 12/03/2026.

